



Incentivos
e Escolhas

Luís Cabral
lcabral@stern.nyu.edu

JUSTIÇA SOCIAL

O problema da justiça social em Portugal não é tanto um problema dos mercados quanto é uma questão de falta de "justiça judicial"

N uma recente exortação apostólica, o Papa Francisco referiu-se mais uma vez à economia, condenando o modelo do capitalismo desenfreado — nomeadamente a variante *trickle down* que 'garante' que quando os ricos ficam mais ricos os pobres beneficiam também.

O *commentariat* de esquerda descobriu aqui uma oportunidade única: 'Agora, até a Igreja condena a economia de mercado', é a ideia que mais se lê nos blogs e páginas de opinião. O dr. Mário Soares chegou mesmo à conclusão de que o Papa "detesta a austeridade" e condena a política orçamental de Merkel. Como ele (o dr. Soares) chegou a essa leitura só ele (o dr. Soares) poderá dizer.

Não obstante o entusiasmo dos novos adeptos do Bispo de Roma, quanto a modelos económicos o Papa nada disse de novo. Numa entrevista recente ao "La Stampa", Francisco lembra que "não há nada na Exortação que não se encontre na Doutrina Social da Igreja". Felizmente, Henrique Monteiro e outras vozes de bom senso esclareceram este ponto simples mas importante: a condenação do capitalismo selvagem já lá está nos escritos de Leão XIII (que, para os que não se lem-

A principal razão de queixa em Portugal é que os ricos joguem com regras diferentes dos pobres, como evasão fiscal ou abuso de poder.

bram, viveu no século XIX). João Paulo II e Bento XVI também foram claros ao afirmar que não há garantia alguma de que a concorrência desenfreada leve à justiça social. Talvez por Wojtila estar mais associado à queda do comunismo e Ratzinger a questões teológicas as pessoas não tenham reparado, mas se lerem com atenção está lá tudo escrito.

O que é que então há de novo? Há um estilo diferente de falar, há um ênfase diferente em várias ideias, há talvez uma maior sentido de urgência nas intervenções do Papa Francisco. E esse sentido de urgência tem razão de ser: não é que o capitalismo seja mais selvagem do que era no séculos XIX ou XX: o que se passa é que as desigualdades criadas pela economia de mercado são potencialmente maiores hoje do que eram há algumas décadas; mais do que nunca, a economia moderna caracteriza-se pelo que Robert Frank chama a "winner-take-all society".

Isto não significa que temos de acabar com a economia de mercado. Antes, significa que os mecanismos de redistribuição que complementam a economia de mercado têm de ser repensados (na minha opinião com um Estado mais preocupado em fornecer meios do que em fornecer bens e serviços).

Este ponto é suficientemente interessante e importante para uma crónica separada, que espero escrever em breve. Por agora gostaria de vincar um ponto relativamente ao caso português. Em certo sentido, o diagnóstico e o lamento do Papa aplica-se a Portugal tal como a muitos outros países (dos Estados Unidos até à China, passando pelo Brasil): o grau de desigualdade económica é chocante, e em geral tem-se uma percepção clara de falta de justiça social. No entanto, no caso português, parece-me injusto e injustificado apontar a economia de mercado como a causa de todo o mal. Parece-me que, em Portugal, a principal razão de queixa dos pobres não é tanto que os ricos sejam cada vez mais ricos: a principal razão de queixa é que os ricos joguem com regras diferentes dos pobres: evasão fiscal, abuso de poder, corrupção, enriquecimento ilícito, 'falcatuas' de todo o tipo com dinheiros públicos — inúmeros crimes que facilmente escapam à justiça, ou porque o aparelho judicial é altamente deficiente, ou porque os 'contactos', nomeadamente nos aparelhos partidários, ainda contam muito em Portugal.

O problema da justiça social em Portugal não é tanto um problema dos mercados quanto é uma questão de falta de "justiça judicial".

Professor da Universidade de Nova Iorque e da AESE

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia